

A QUESTÃO DO TIMBÓ E CANOINHAS: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES NA IMPrensa DO PARANÁ E SANTA CATARINA (1900-1908)

DOI: 10.5935/2177-6644.20180008

THE QUESTION OF TIMBÓ AND
CANOINHAS: DISCOURSE AND
REPRESENTATIONS IN THE PRESS
OF PARANÁ AND SANTA
CATARINA (1900-1908)

LA CUESTIÓN DEL TIMBÓ Y
CANOINHAS: DISCURSOS Y
REPRESENTACIONES EN LA
Prensa DEL PARANÁ Y SANTA
CATARINA (1900-1908)

Eloi Giovane Muchalovski *

Resumo: O presente projeto de pesquisa propõe analisar as diferentes representações sobre a violência, atrelada à categoria região, expressas nos discursos produzidos pelos jornais *República*, *O Dia*, *Gazeta de Joinville*, *A República*, *Diário da Tarde* e *A Notícia*, referentes às tensões relacionadas com a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, ocorridas nos vales dos rios Timbó e Paciência, entre os anos 1900 e 1908, e sua respectiva utilização como meio para criação de uma identidade regional. Como metodologia, objetiva-se uma abordagem qualitativa, embasada na Análise de Discurso, utilizando como fonte matérias jornalísticas publicadas nos principais jornais paranaenses e catarinenses da época, articulando quatro procedimentos: investigação, interpretação, análise e produção escrita dos resultados.

Palavras-Chave: Contestado. Discursos. Representações. Identidade.

Abstract: This research project proposes to analyze the different representations about violence linked to the region, expressed in the speeches produced by the newspapers *República*, *O Dia*, *Gazeta de Joinville*, *A República*, *Diário da Tarde* and *A Notícia*, referring to tensions related to a question of boundaries between Paraná and Santa Catarina, occurring in the valleys of the Timbó and Paciência rivers, between the years 1900 and 1908, and their respective use as a means to create a regional identity. As a methodology, a qualitative approach is based on Discourse Analysis, using journalistic material published in the main newspapers of Paraná and Santa Catarina at the time, articulating four procedures: investigation, interpretation, analysis and written production of results.

Keywords: Contestado. Discourse. Representations. Identity.

Resumen: El presente proyecto de investigación propone realizar análisis de las diferentes representaciones sobre la violencia vinculada a la categoría región, expresados en los discursos producidos por los periódicos, *República*, *O Dia*, *Gazeta de Joinville*, *A República*, *Diário da Tarde* y *A Notícia*, referentes a tensiones relacionadas con la violencia la cuestión de límites entre Paraná y Santa Catarina, ocurridas en los valles de los ríos Timbó y Paciencia, entre los años 1900 y 1908, y su respectiva utilización como medio para la creación de una identidad regional. Como metodología, se objetiva un abordaje cualitativo, basado en el Análisis de Discurso, utilizando como fuente materias periodísticas, publicadas en los principales periódicos paranaenses y catarinenses de la época, articulando cuatro procedimientos: investigación, interpretación, análisis y producción escrita de los resultados.

Palabras clave: Contestado. Discursos. Representaciones. Identidad.

* Mestrando em História pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO. É membro do Grupo de Pesquisa Estudos em História Cultural da UNICENTRO e participa do NUPHIS - Núcleo de Pesquisa em História da Universidade do Contestado. E-mail: eloigiovane@gmail.com

Introdução

A “questão do Timbó” e a “questão de Canoinhas” são títulos de chamada expressos, no início do século XX, corriqueiramente nos jornais *República*, *O Dia*, *Gazeta de Joinville*, *A República*, *Diário da Tarde* e *A Notícia*. Tais chamadas são alusivas a um período de intensa instabilidade envolvendo os estados do Paraná e Santa Catarina, devido a disputas por territórios, especificamente a momentos anteriores ao Movimento Sertanejo do Contestado (1912-1916), mencionadas nos trabalhos historiográficos como “questão de limites”. Sendo o cerne mais efervescente desta instabilidade identificado em uma área de grande quantidade de ervais nativos, entre os rios Timbó e Paciência, locais de importantes vilas na época, como Canoinhas, União da Vitória, Poço Preto, Valões e Vila Nova do Timbó. Matérias publicadas nestes jornais relatam fatos envolvendo suposta violência ora atribuída a simpatizantes da causa paranaense, ora a simpatizantes da causa catarinense. São discursos enunciados na imprensa, motivados por sentimentos de identidade e lealdade com um ou outro ente do então Estados Unidos do Brasil, ligados, por sua vez, a interesses políticos e econômicos.

A indefinição das fronteiras surgiu ainda no período colonial, quando “Santa Catarina e São Paulo [...] disputam a jurisdição sobre a região do planalto serrano, mais especificamente das terras situadas a oeste, entre os rios Uruguai e Iguaçu, e ao sul de Rio Negro” (MACHADO, 2004, p. 124). Tais disputas se prolongaram, incluindo contestações de limites pelo estado do Rio Grande do Sul como também pela Argentina, a qual reivindicava terras mais ao oeste da área do Contestado, situado entre os rios Iguaçu e Uruguai, fato que somente teve um desfecho em 1895, com a arbitragem do então presidente dos Estados Unidos, Stephen Grover Cleveland.

Contudo, a questão de limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná eclodiu com a criação deste último enquanto província em 1853, desmembrado da Província de São Paulo. Os paranaenses “procuram firmar a posse sobre terras do oeste barriga-verde, alargando seu já mais extenso território” (AURAS, 1984, p. 25). No mesmo ano de 1853, Santa Catarina apresentava à Assembleia um projeto determinando os limites de sua província, sendo: “Ao norte, com o Paraná pelo Saí-Guaçu, rio Negro e aquele em que deságua: ao sul, com o Rio Grande do Sul, pelo rio Mampituba, arroio das Contas, rio Pelotas e rio Uruguai” (MIRANDA, 2012, p. 43). Apesar da impugnação do projeto pelo então presidente do Paraná, Zacarias de Góis e Vasconcelos, o parecer da câmara foi

favorável a Santa Catarina. A partir de então inúmeros projetos sobre os limites territoriais foram debatidos nas Assembleias e no Senado, tendo Santa Catarina levado a questão ao Supremo Tribunal Federal, obtendo ganho de causa em 1904 e, novamente, em 1909 e 1910, “quando aquela Corte rejeita os embargos propostos por Rui Barbosa” (AURAS, 1984, p. 27).

Depois de mais de meio século de debates, as rivalidades políticas atingiram altos níveis de exacerbação. Vários grupos armados, de ambos os lados, passaram a atuar na região do Timbó e Paciência, protegendo interesses de coronéis e de políticos ligados a um ou outro dos estados litigantes. A imprensa, que vinha já a algum tempo dando enfoque à questão de limites, passa, a partir de 1900, a narrar fatos de violência ocorridos na região. Maurício Vinhas de Queiroz (1977, p. 67) aponta que:

A disputa assumiu aspectos melodramáticos na área em que se defrontavam àquela época duas frentes estativas de erva-mate: a paranaense, cuja base era a cidade de União da Vitória, e a catarinense, que se apoiava em Canoinhas. O trecho violentamente disputado por uns e por outros, riquíssimo em ervais nativos, compreendia os vales inteiros do Timbó e da Paciência. Os catarinenses, que ocupavam as suas cabeceiras e grande parte de seus cursos, ambicionavam chegar até as margens do Iguaçu e dominar inclusive União da Vitória. O posto avançado dos paranaenses era Vila Nova do Timbó.

Sendo assim, nossa problemática de pesquisa define-se em investigar e responder, como os jornais catarinenses (*República*, *O Dia* e *Gazeta de Joinville*) e paranaenses (*A República*, *Diário da Tarde* e *A Notícia*) representaram, através de seus discursos, as categorias de região violência em um momento de fortes tensões sobre a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, especificamente nos vales dos rios Timbó e Paciência, entre os anos 1900 e 1908, e sua respectiva utilização na elaboração de uma identidade regional?

Na historiografia memorialista do Contestado, é possível perceber uma significativa influência destes jornais na narrativa empreendida, suscitando assim, a hipótese de que a construção discursiva realizada pelos jornais da época foram utilizados para embasar as primeiras obras sobre o tema, perpetuando, desde então, uma representação semelhante àquela utilizada pela imprensa, principalmente a do Paraná, rotulando a região dos vales do Timbó e Paciência como uma espaço de violência.

A escolha temporal, de 1900 a 1908, se faz pelos próprios documentos a serem analisados, ou seja, os jornais de época. As matérias expressas nestes periódicos iniciaram a problematizar as tensões do Timbó ainda em 1900, tendo seu ápice em meados da década, destacando-se os meses de janeiro e fevereiro de 1906. Nessa temporalidade, as menções são quase que diárias, muitas das vezes em matérias de capa. Após este período há um certo declínio da atenção dos editores sobre a região, contudo, as alusões estendem-se, em relativa periodicidade, até 1908.

Justificativa

As tensões de diversas ordens ocorridas na área compreendida entre União da Vitória e a vila de Canoinhas, no início do século XX, deflagraram inúmeros casos de violência naquele espaço, sendo abundantemente abordadas pelas mídias impressas da época, a qual tinha forte ligação com meio político, sendo inclusive duas delas, *O Dia* e *A República*, órgãos representativos dos partidos republicanos, catarinense e paranaense, respectivamente. Isso, evidentemente, fez com que seus textos sobre os fatos procurassem representar uma imagem regional que satisfizesse os interesses de um ou outro lado.

Estudar os discursos produzidos pela imprensa, no local e tempo aqui problematizados, justifica-se pela necessidade de elucidação de aspectos anteriores a eclosão da batalha do Irani, tido como início da Guerra do Contestado. Almejando ser contributiva para o conhecimento histórico, o qual muitas vezes não aprofundou seu olhar sobre os conflitos armados ocorridos antes 1912, sendo apenas mencionada em alguns trechos como “fatos antecedentes” (PEIXOTO, 1995), “questão de limites” (MIRANDA, 2012), “a questão dos limites” (MONTEIRO, 1974), “desmandos e usurpações” (MACHADO, 2004), entre outras nomenclaturas tidas como introdutórias.

A própria utilização do jornal como fonte norteadora no estudo do Contestado ainda não foi muito explorado. Talvez porque “nem sempre a independência e exatidão dominam o conteúdo editorial” (RODRIGUES, 1968, p. 198) ou mesmo pela visão historiográfica de que “a imprensa se revelou uma fonte muito pobre sobre o conflito” (MACHADO, 2008, p. 35), talvez pelo fato de materializar uma visão da elite. Entretanto, a quase vinte anos a historiadora Marcia Janete Espig (1998) já via nas fontes jornalísticas um caminho promissor para o estudo do Contestado. Posto isso, acreditamos que com a correta abordagem metodológica, os jornais podem materializar-

se como importantes instrumentos para a compreensão de certas representações do espaço quanto à produção de uma, ou várias, identidades, manifestadas em um discurso acerca da noção de região.

Outro fator importante no sentido de justificar este projeto de pesquisa, refere-se a propagação de discursos de que a atual região do Contestado é um local violento, “terra de preguiçosos”. Sabedores de que tal referência configura-se apenas como criação ideológica, sem base estatística, torna-se socialmente meritório um aprofundamento na difusão destes discursos e representações que, hipoteticamente, parecem terem sido produzidos no prelúdio do século passado, suscitando e impelindo uma identidade regional estereotipada.

Os discursos e representações realizadas pelos meios impressos se manifestam como mecanismos de reprodução de determinados pensamentos, criando imagens mentais sobre fatos e atos do momento vivenciado. Desta forma, direta e indiretamente, criam identidades, visões de mundo, determinados por aqueles que imprimem a mensagem. Seu alcance é dirigido a uma parcela da população, no caso, uma parcela letrada, a qual, na época aqui problematizada, configurava-se como a elitizada, a que dispunha do acesso a estes periódicos.

Revisão bibliográfica

Seja pelas suas diversas facetas ou pela possibilidade eminente do falso, o uso de fontes jornalísticas como documento histórico ainda é uma proposta nova na historiografia. No século XIX a tendência positivista repelia a utilização de qualquer fonte que não expressasse um posicionamento oficial. Considerava-se o jornal um documento subjetivo, passível de falsificação da realidade, não podendo assim ser tomado como imparcial, o que deveria, necessariamente, ser indispensável para o alcance do conhecimento verdadeiro.

Com o advento da *Escola dos Annales* as possibilidades de uso das fontes ampliaram-se, o conhecimento histórico deixou de ser apenas baseado em documentos de registro oficial para ser visto como um processo de construção, influenciado pela visão do historiador perante o objeto como pelos sujeitos contemporâneo ao objeto.

Contudo, mesmo na década de 1970 ainda havia uma relutância pela utilização da imprensa como fonte histórica, pesquisava-se a história da imprensa, mas não a

história por meio da imprensa (LUCA, 2008, p. 111). Presentemente sua utilização se faz em abundância, sendo de uso corrente no meio acadêmico. Uma pesquisa em destaque, pertinente a temática deste projeto, é a dissertação de mestrado defendida na UFPR por Liz Andréa Dalfré (2004), trabalho que originou interessante artigo publicado em livro, onde ela aborda as representações elaboradas pelo jornal *Diário da Tarde* referentes ao movimento do Contestado, e sua respectiva orientação “pela necessidade de construção de uma identidade regional, num momento em que os estados brasileiros adotavam a descentralização administrativa” (DALFRÉ, 2008, p. 211). Assim, a autora consegue estabelecer relações importantes no que tange as formas de ver, sentir e representar os acontecimentos da época, comprovando a possibilidade do uso das fontes de cunho jornalístico para a história do Contestado.

Outro ponto interessante abordado por Dalfré, diz respeito a sua surpresa quando, no início da pesquisa, constatou a pouca existência de trabalhos acadêmicos sobre o tema que utilizassem tão vasto material, como os jornais de época, cheios de comentários e observações sobre o Movimento (DALFRÉ, 2004, p. 50). Posto isso, nos parece relevante efetivarmos a utilização destes importantes documentos para a produção do conhecimento histórico, haja vista que no recorte temporal proposto neste projeto, ainda não houve um aprofundamento dos periódicos jornalísticos como fonte.

Um exemplo que comprova a riqueza dos jornais como documento para a história e, por sua vez, demonstra boas perspectivas para com esta pesquisa, refere-se a um dos personagens mais destacados pela imprensa nos conflitos do Timbó, Demétrio Ramos. Combatente da Revolução Federalista que após o fim do conflito acabou por estabelecer moradia na região. Maragato oriundo do Rio Grande Sul, primo de Vidal Ramos, governador de Santa Catarina de 1910 a 1914, Demétrio realizou mobilizações armadas em defesa dos interesses do estado catarinense. Figura interpretada e representada em vários jornais, especialmente nos paranaenses *A República* e *A Notícia*. Este último chegou a publicar em edição de 08 de fevereiro de 1906, matéria de capa, com uma página inteira dedicada a Ramos, denominando-o de “caudilho do Timbó”, incluindo ilustração de suposta foto sua (A NOTÍCIA, 08 fev. 1906, p. 1).

Para os jornais paranaenses, a figura de Demétrio Ramos parece ser a mais nefasta possível. É citado como um bandoleiro, bandido, criminoso de morte. Essa imagem é representada e propagada na historiografia do Contestado.

Espig (2008, p. 54-55), ao abordar a historiografia do Contestado, reporta-se a Ramos utilizando-se de três autores, Demerval Peixoto (1995), Herculano Teixeira D'assumpção (1917) e Paulo Pinheiro Machado (2004). Sendo este último citado por Espig (2008) em nota de rodapé, enfatizando que após os fatos de violência ocorridos na região de Canoinhas e Timbó, Ramos fugiu sem destino certo. Ao buscarmos em Machado (2004, p. 131) a menção da tal fuga, encontramos o apontamento de que teria se dirigido para o Mato Grosso, segundo uns, e que, por outros, teria seguido para São Paulo. Tais possibilidades de destino são referenciadas por Machado (2004, p. 155) na obra de Maurício Vinhas de Queiroz (1977).

Em Queiroz (1977, p. 68), por sua vez, este realmente comenta que “derrotado e abatido, Ramos mudou-se pouco depois para o interior do Estado de São Paulo”, citando que esta informação consta na obra de Demerval Peixoto (1995).

Outro importante estudioso da temática, Duglas Teixeira Monteiro (1974, p. 29-31), também se utiliza dos relatos de Queiroz (1997) e Peixoto (1995) para fundamentar sua análise sobre os “fatos do Timbó”. Contudo, inclui algumas matérias dos jornais *O Estado* e *Diário da Tarde*, complementando suas considerações, porém, não faz uso de nenhum impresso contemporâneo aos acontecimentos, ou seja, dos anos de 1905 e 1906.

Completando a lista aqui delineada, ainda merece atenção Alcebíades Miranda, memorialista do Contestado, não referenciado nas obras supracitadas, o qual relata que:

O governo do Paraná mandou uma força de cinquenta praças da polícia, sob o comando do alferes João Koenig para a zona em desordem, acampando a tropa na margem direita do rio Paciência. Houve algumas escaramuças como os jagunços de Demétrio, que tentaram atacar o bivaque, mas o capitão Aleluia pires, emissário de Santa Catarina, convenceu o caudilho que não devia continuar nas correrias, retirando-se Demétrio para Lages (MIRANDA, 2012, p. 47-48).

Refazendo um caminho na análise do referencial utilizado pelas obras produzidas sobre o Contestado, consegue-se facilmente identificar a origem deste discurso na historiografia, no caso, os “historiadores de farda”. Peixoto (1995) dedica um capítulo de seu texto para abordar as turbulências ocorridas nos vales do Timbó e Paciência. Em uma breve observação do texto, pode-se constatar uma considerável influência das representações paranaenses sobre os referidos conflitos. Entretanto, o autor não menciona as fontes que sustentam suas afirmações. Porém, com uma leitura das matérias publicadas nos diários da época, é possível verificar uma certa reprodução em seu

discurso dos textos jornalísticos. Tal ponto, necessita de maior aprofundamento, pois ainda não obteve a devida atenção por parte dos historiadores. O próprio destino de Demétrio Ramos não foi investigado em profundidade. Machado (2004, p. 131) comenta que seu destino foi o Mato Grosso ou São Paulo, Queiroz (1977, p. 68) cita apenas São Paulo, já Miranda (2012, p. 48) indica o município de Lages. Na verdade, indiretamente todos podem estar certos, pois, fazendo uso dos jornais como fonte, verificamos que a vida guerrilheira de Ramos no sul do Brasil teve outros desdobramentos. Matérias do *A Federação* sugerem a participação do antigo maragato na Revolução Gaúcha de 1923, juntamente com a figura do Coronel Fabrício Vieira, outro personagem bastante citado na historiografia do Contestado, líder um numeroso grupo de vaqueanos que atuou junto a exército em combate aos sertanejos na região do Timbó, Iguaçú e Canoinhas. Em telegrama emitido pelo então intendente e o Conselho Municipal de Vacaria ao governador catarinense, Hercílio Luz, publicado no respectivo jornal em 17 de julho de 1923, consta:

Exmo. dr, Hercilo Luz, governador de Santa Catharina. - Florianópolis - Os abaixo firmados, intendente e Conselho Municipal do município de Vaccaria, limitrofe com o Estado de Santa Catarina, vêm em nome do povo de Vaccaria, que legitimamente representam, protestar perante v. ex. contra a ostensiva concentração de forças revolucionárias aliciadas pelo desalmado filho dessa terra sr. Liborio Antonio Rodrigues e capitaneados pelos conhecidos bandoleiros Manoel Fabricio Vieira e Demétrio Ramos. Essas forças estão acampadas em Campo Bello, districto do município de Lages, proximidades do rio Pelotas, sendo ahí o ponto escolhido para a concentração [...] (A FEDERAÇÃO, 17 jul. 1923, p. 4).

O nome de Demétrio Ramos ainda aparece em outras publicações do *A Federação*. Em matéria de primeira página, do dia 24 de julho de 1923, consta, logo na chamada, que “os bandoleiros de Demétrio Ramos foram completamente derrotados - 48 Mortos e numerosos feridos” (A FEDERAÇÃO, 24 jul. 1923, p. 1). Já em publicação do dia 30 de julho, encontra-se outro dado interessante, dando fortes indícios para a hipótese de que o estado do Mato Grosso foi destino do famoso maragato:

Apesar dos varios mezes de campanha, do ardor combativo dos guerrilheiros libertadores, do entusiasmo civico que a causa desperta em toda a gente, como servem de exemplo o sr. Baptista Pereira, no Rio e Pacheco Prates em São Paulo; apezar do concurso valioso e desinteressado que ella vem recebendo de toda a parte, de Demétrio

Ramos, de Matto Grosso, de Fabricio Vieira do ex-Contestado, e dos correntinos e uruguayos que servem ás ordens de Adalberto Correia e Baptista Luzardo, apesar de tudo isso o que se vê é que a mashorca, em vez de progredir e produzir, realmente, a saturação desejada, rarefaz-se, evapora-se, dia por dia, dilue-se e quasi se extingue (A FEDERAÇÃO, 30 jul. 1923, p. 1).

Em uma breve pesquisa pelas pistas indicadas na historiografia e nos jornais, com uma busca genealógica, pudemos chegar ao nome de Demétrio José Ramos, originário do estado gaúcho e erradicado no estado no Mato Grosso, onde, pelo que consta em documentos do arquivo Municipal de Três Lagoas, chegou no mesmo município oriundo da cidade de Vacaria. Ocupou o cargo de prefeito municipal no ano de 1932, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Contribuir historiograficamente para um aprofundamento dos estudos relativos a momentos antecedentes ao Movimento Sertanejo do Contestado, fazendo uso e comprovando a importante contribuição das fontes jornalísticas para o estudo da história, seja com relação a produção de discursos ou representações, sobretudo aos aspectos relativos a criação de identidades regionais.

Objetivos específicos

- Revisar a bibliografia do Contestado, no que tange os seus aspectos anteriores ao movimento sertanejo;
- Compreender os fatos de violência ocorridos na região através dos diferentes discursos produzidos sobre eles pelos jornais *República*, *O Dia*, *Gazeta de Joinville*, *A República*, *Diário da tarde* e *A Notícia*;
- Apontar indícios e perspectivas de estudo sobre Demétrio Ramos, personagem principal dos supostos atos violência cometido no espaço e período problematizados.

Teoria e metodologia

Considerando que o presente projeto tem por intuito realizar um ensaio das diferentes representações produzidas pelos jornais paranaenses e catarinenses, referentes a tensões e violências relacionadas com a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina – com especificidade nos vales dos rios Timbó e Paciência, entre os anos 1900 e 1908, e sua respectiva utilização como meio para criação de uma identidade regional, construída com uma particular noção de região –, o aporte metodológico está embasado em uma abordagem qualitativa, articulando quatro procedimentos básicos: investigação, interpretação, análise e produção escrita dos resultados.

Ao passo que os jornais procuram dar dimensão dos fatos, eles imprimem uma visão particular, altamente influenciada e influenciadora, pois como refere Foucault (1996, p. 28):

[...] o indivíduo que se põe a escrever um texto no horizonte do qual paira uma obra possível retoma por sua conta a função do autor: aquilo que ele escreve e o que não escreve, aquilo que desenha, mesmo a título de rascunho provisório, como esboço da obra, e o que deixa, vai cair como conversas cotidianas. Todo este jogo de diferenças é prescrito pela função do autor, tal como a recebe de sua época ou tal como ele, por sua vez, a modifica. Pois embora possa modificar a imagem tradicional que se faz de um autor, será a partir de uma nova posição do autor que recortará, em tudo o que poderia ter dito, em tudo o que diz todos os dias, a todo momento, o perfil ainda trêmulo de sua obra.

Por outro lado, é passível de análise, considerar que um mesmo texto não tem sua ação homogeneizada a todos os que o leem, pois o leitor é sujeito ativo do texto, enquanto indivíduo que o interpreta e o representa de maneira, por vezes, diferenciada dos demais leitores. Observação análoga estabelece Chartier (2002), quando este menciona que devemos ter cuidado ao considerarmos um texto “todo-poderoso”, condicionador do leitor, esquecendo-nos de que a própria leitura enquanto ato autônomo e liberal, possibilita a criação de sentidos totalmente singulares.

Além disso, há um outro aspecto a ser considerado, o de que um texto lido no agora reflete sua leitura no ontem. Um cuidado que devemos tomar ao procurar dimensionar o alcance da leitura sobre uma determinada esfera de leitores, devem obedecer, necessariamente, as condições temporais em que se está lendo, pois:

Os esquemas interpretativos pertencem a configurações culturais, que têm variado enormemente através dos tempos. Como nossos ancestrais viviam em mundos mentais diferentes, devem ter lido de forma diferente, e a história da leitura poderia ser tão complexa quanto a história do pensamento (DARNTON, 1992, p. 233).

Como podemos perceber, o uso da fonte jornalística pode ser de considerável contribuição para o estudo da história, desde que utilizada com um aporte metodológico adequado. Entretanto, uma pesquisa em história não se faz apenas com métodos, mas também com conceitos, pois o “talento do historiador é em parte o de inventar conceitos” (VEYNE, 1976, p. 69). Considerando que tomaremos como foco de observação discursos e representação de aspectos específicos de uma noção de região, seu liame com a identificação da população aquele espaço e suas respostas tidas como violentas frente a uma ocupação física ou ideológica, torna-se incisivo que delimitemos conceitualmente o que se entende por região. Não nos acomodando, como sugere Veyne (1976), com uma conceituação pronta, ou seja, aquelas que encontramos nas fontes, o que configurar-se-ia em mera descrição e não em explicação, pois, com efeito, a elaboração dos conceitos permite o crivo do mundo histórico. Pois, o “sentido de uma palavra pode ser determinado pelo seu uso. Um Conceito, ao contrário, para poder ser um conceito, deve manter-se polissêmico” (KOSELLECK, 2006, p. 109).

Ademais, dado que logo após a Proclamação da República os jornais transformaram-se rapidamente em veículos para a divulgação de ideologias e opiniões dos partidos políticos, vários foram os periódicos criados no Brasil, destacando para esta proposta de pesquisa os jornais *O Dia*, órgão do Partido Republicano Catarinense, e o *A República*, órgão do Partido Republicano Paranaense. Nas páginas das respectivas gazetas reproduziam-se, de maneira muitas vezes anônima, opiniões ufanistas ao estado que representavam e por sua vez repulsivas à população e aos líderes do estado “adversário”. Discursos que servem de material rico para o estudo da história, pois expressam os mais variados sentimentos, sejam eles ideológicos, de visão e representação da realidade, ou mesmo como projeto de futuro, tanto como afirmação de classe ou demonstração de poder. Contudo, seu uso pelo historiador necessita de atenção e cuidado, pois emitem opiniões tendenciosas que muitas vezes não só “modificam” a realidade como também “criam” realidades, obrigando fundamentalmente o uso de uma análise mais aprofundada de sua subjetividade, assim como apontam Capelato e Prado (1980, p. 19):

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo de informações, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos.

Então convencidos das possibilidades de uso dos impressos jornalísticos para o estudo histórico, buscamos nosso amparo metodológico na Análise de Discurso, com ênfase na produção de representações para a criação e divulgação de uma identidade regional. Para tal, será norteador, enquanto metodologia, as contribuições de Eni Pulcinelli Orlandi, introdutora da análise de discurso de escola francesa no Brasil. Para Orlandi (2005, p. 15):

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. [...] A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.

Como aponta Chartier (2002, p. 17) as “representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”. Desta forma, buscar estas representações em discursos expressos nos jornais de época exige, necessariamente, que compreendamos o ambiente e os personagens que os cercam, ou seja, quem emite o discurso? Quem ele representa? Em que contexto foi emitido? Para quem foi emitido? Quais foram os receptores? Se possível, quantos foram os receptores? Quais as possibilidades de assimilação pelos receptores?

Para que possamos chegar a repostas aceitáveis para tais indagações, objetivamos, enquanto encaminhamento metodológico, seguir determinados passos. Primeiramente, realizar a revisão bibliográfica das principais obras referentes ao tema Contestado, incluindo livros, dissertações e teses, tendo como foco aspectos abordados pelos autores com relação a momentos anteriores aos combates iniciados em 1912, especialmente aqueles ocorridos na região compreendida entre os atuais municípios de Canoinhas e Porto União.

Esta revisão propõem uma busca de indícios que sustentem a comprovação da hipótese de que toda abordagem já realizada pela historiografia do Contestado tenha sido influenciada pelos discursos propagados pelos periódicos jornalísticos aqui

problematizados. Pois, como já apontado na introdução deste projeto, nos é convincente que a abordagem feita sobre os fatos de conflito armado e violência ocorridos na área de estudo delimitada, partem sempre das obras dos memorialistas do Contestado, especialmente a de Peixoto (1995). Tendo esta um discurso muito semelhante as notícias publicadas nos jornais da época, especialmente nos periódicos paranaenses.

Um segundo passo, dentro da metodologia proposta, preconiza, estabelecer semelhanças e diferenças nos discursos produzidos pelos jornais, estabelecendo como parâmetro fatos externos ao texto, ou seja, acontecimentos concomitantes que podem ou não terem influído nas mudanças e permanências a determinado padrão de discurso. Dado que:

[...] considerar o conteúdo histórico do texto dependente de sua forma não implica, de nenhum modo, reduzir a história ao texto, a exemplo do que fazem os autores estruturalistas ou pós-estruturalistas, que negam haver história fora do discurso. Pelo contrário, trata-se, antes, de relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as idéias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 378).

Noutro momento, aprofundaremos nossa análise na identificação das representações produzidas nos textos jornalísticos, com especial atenção para aquelas relacionadas ao conceito de região. Pois, *a priori*, o termo região é corriqueiramente citado. Acreditamos que problematizar a noção de região em período temporal em que a própria construção dessa noção, enquanto delimitação político-administrativa, não estava definida, pode elucidar indagações sobre casos tidos como violentos, envoltos em disputas por poder, logo que:

As regiões [...] não pré-existem aos fatos que as fizeram emergir; as regiões são acontecimentos históricos, são acontecimentos políticos, estratégicos, acontecimentos militares, diplomáticos, são produto de afrontamentos, de disputas, de conflitos, de lutas, de guerras, de vitórias e de derrotas. Falar em região implica em se perguntar por domínio, por dominação, por tomada de posse, por apropriação. Falar em região é também falar em subordinação, em exclusão, em desterramento, em banimento (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 58).

Trabalhar com as representações presentes nos discursos nos remete a uma abordagem de ideologia. Esta tem presença em todo discurso. Não há como produzir um discurso se não houver, mesmo que inconscientemente, uma ideologia, um sistema de significação da realidade (BRANDÃO, 2004). Desta forma, apresenta-se como necessário delimitar durante a pesquisa aspectos ideológicos presentes fora do texto, historicizar os próprios jornais. Quem os mantinha? A quem estavam ligados? Quem representavam?

Os jornais da época eram fortemente marcados por concepções ideológicas, sendo que, em uma abordagem marxista, se constituem de um “instrumento de dominação de classe porque a classe dominante faz com que suas ideias passem a ser ideias de todos” (BRANDÃO, 2004, p. 21). Partindo do pressuposto de que os jornais “são produtos forjados a partir de representações contextualizadas da realidade” (CALONGA, 2012), seus discursos emitem uma visão que extrapola a ideologia de seu emissor, ele configura-se como um elemento concentrado de ideologias internas e externas, que não necessariamente afirmam uma verdade, mas sim uma possibilidade de verdade, segundo interesses da parcela da sociedade a qual o emissor representa, no caso, a classe dominante.

Para o êxito da pesquisa, objetivamos utilizar tabelas, quantificando determinados padrões de discurso identificados por aspectos relacionados a determinados critérios como: o jornal emissor, o local de emissão, a data de emissão, o contexto em que foi emitido, o nível de emissão (agressivo, moderado, conciliado), entre outros aspectos a serem definidos no desenvolver da análise. Salientamos que estes padrões a serem identificados, estarão, prioritariamente, ligadas as representações produzidas acerca da violência e a noção de região. Entretanto, tais critérios não serão considerados imutáveis, novos tópicos poderão ser inseridos ou mesmo suprimidos, dependendo dos encaminhamentos obtidos na dissecação das fontes.

Fontes

As fontes a serem utilizadas para a execução da pesquisa constituem-se basicamente de edições previamente selecionadas dos jornais *Republica O Dia*, *Gazeta de Joinville*, *A República*, *Diário da Tarde* e *A Notícia*, publicados entre os anos de 1900 e 1908. São textos que relatam e representam, em abundância, fatos e atos de violência

supostamente ocorridos nos vales dos rios Timbó e Paciência, atrelados a um particular discurso de região. Cópias destes periódicos já foram todas obtidas junto a Biblioteca Nacional na cidade do Rio de Janeiro e encontram-se em nosso poder.

Nas fontes, encontra-se um vasto referencial de uma série de atos violentos ocorridos nos vales do Paciência e do Timbó. As primeiras referências datam ainda do mês de setembro do ano de 1900, quando o então jornal catarinense *República*, comenta em pequena nota titulada de *Invasão de Território*, que após forças paranaenses terem invadido o estado de Santa Catarina, entre Timbó e Canoinhas, houve sério conflito, vitimando o comandante da tropa paranaense, sendo inclusive necessário a busca de reforços em Porto União para bater os catarinenses (REPUBLICA, 18 jul. 1900, p. 1).

Após o ano de 1900 sucessivos relatos de conflitos armados são mencionados, tendo um agravamento entre 1905 e 1906, com a vasta série e discursos reproduzidos nas páginas dos jornais sobre Demétrio Ramos e seu suposto grupo de pistoleiros. Momento em que houve, por um lado (do Paraná), fortes ataques contra a postura do governo de Santa Catarina, o qual era acusado de proteger Ramos e incitar a violência. Do outro lado (de Santa Catarina), os respectivos jornais repudiando a atitude paranaense, acusando o estado vizinho de não respeitar decisões judiciais e promover invasões e desordem.

Neste período, os respectivos governadores trocaram entre si e com o governo federal uma série de telegramas, sendo estes, muitas vezes, publicados parcialmente nos jornais. Analisando as mensagens na sua integralidade, já que se encontram disponíveis nos arquivos históricos do Paraná e Santa Catarina, poderemos compreender possíveis diferenças e semelhanças nos padrões de discurso expressos nos telegramas e nas matérias jornalísticas.

Outra fonte que aspiramos utilizar, refere-se a pronunciamentos feitos na câmara dos deputados e no senado federal, também publicados na imprensa. Estes podem ser de importante contribuição para o entendimento das representações produzidas nos jornais problematizados.

Finalmente, como fonte bibliográfica, pretendemos fazer uso das obras dos chamados “historiadores de farda”, Demerval Peixoto (1995), Herculano Teixeira D’Assumpção (1917) e Alcebíades Miranda (2012). Esse conjunto de publicações denota uma eminente necessidade de aprofundamento reflexivo acerca dos discursos e representações construídos através de uma narrativa histórica, emitida por oficiais que

fizeram parte das expedições armadas naquele território, os quais tiveram contato com pessoas contemporâneas aos acontecimentos anteriores a 1912, como também, possivelmente, tiveram acesso a jornais da época.

Cronograma

ATIVIDADES	2016			2017						2018		
	4º Bim.	5º Bim.	6º Bim.	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.	4º Bim.	5º Bim.	6º Bim.	1º Bim.	2º Bim.	3º Bim.
Cumprimento de créditos por meio de disciplinas e atividades complementares.	X	X	X	X	X	X						
Revisão do Projeto de Pesquisa.	X											
Revisão bibliográfica.	X	X	X									
Realização da pesquisa nos arquivos das cidades de Canoinhas/SC, Curitiba/PR, Florianópolis/SC.			X	X	X							
Busca, identificação e digitalização de documentos no arquivo municipal de Três Lagoas/MS.				X								
Seleção e revisão das fontes.					X							
Análise das fontes.					X	X	X					
Montagem da tabela e com os dados coletados nas fontes.							X					
Análise dos dados.								X				
Redação da dissertação.								X	X	X	X	
Defesa da dissertação.												X

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O objeto em fuga. **Fronteiras**. Dourados, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun./2008.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Editora da UFSC; Assembleia Legislativa; São Paulo; Cortez Editora e Livraria, 1984.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história**: da escolha do tem ao quadro teórico. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte histórica? Dourados, **Revista Comunicação & Mercado**, v. 1, n. 2, 2012.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.
- _____. PRADO; Maria Ligia. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Algés: Difel, 2002.
- D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. **A Campanha do Contestado**: as operações da Columna do Sul. Bela Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917.
- DALFRÉ, Liz Andréa. Criando heróis e inimigos: o movimento do Contestado na imprensa paranaense. In: ESPIG, Mácia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (Orgs.). **A guerra santa revisitada**: novos estudos sobre o movimento do Contestado. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- _____. **Outras narrativas da nacionalidade**: o movimento do Contestado. 2004. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2004.
- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora a Universidade Estadual Paulista, 1992.
- ESPIG, Marcia Janete. **Personagens do Contestado**: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908-1915). 2008. 434 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- MIRANDA, Alcibíades. **Contestado**. 2. ed. Curitiba: IHGPR, 2012.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**: raízes da rebeldia. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916). 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**: introdução metodológica. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

VEYNE, Paul. História conceitual. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

Fontes

A tremenda derrota dos bandoleiros de Demétrio Ramos. **A Federação**, Porto Alegre, 24 jul. 1923. p. 01.

Demétrio Ramos o caudilho do Timbó. **A Notícia**, Florianópolis, 08 fev. 1906.

Invasão de território por forças do Parana, combate. **Republica**, Florianópolis, 18 set. 1900.

Os processos de saturação. **A Federação**, Porto Alegre, 30 jul. 1923. p. 01.

Um protesto do intendente e conselheiros municipais de Vacaria. **A Federação**, Porto Alegre, 17 jul. 1923. p. 04.

Recebido em: 14 de março de 2018.

Aprovado em: 26 de junho de 2018.